

REMEMORAÇÃO PRODUTIVA OU CRIATIVA? : REFLEXÕES SOBRE AS INTERFACES ENTRE MEMÓRIA, CRIAÇÃO E ACELERAÇÃO TEMPORAL

*Renée Louise Gisele da Silva Maia**

RESUMO

Marcado por condições como individualismo, consumismo e aceleração, o cenário contemporâneo representado pelas sociedades ocidentais evidenciaria uma condição paradoxal quando o assunto é a relação entre tempo e memória. Com o objetivo de refletir sobre as interfaces entre memória e criação em um contexto de avassaladora aceleração temporal, este trabalho foi desenvolvido em dois momentos interligados. No primeiro, buscou-se delinear uma cultura contemporânea de memória, dialogando diretamente com as observações de Andreas Huyssen. Já no segundo, questionou-se sua proposição acerca da necessidade de estratégias de rememoração produtiva. Por fim, observou-se que tanto a filosofia intuicionista de Henri Bergson quanto os posicionamentos de Baudelaire acerca das possibilidades de interação entre criação e velocidade podem sinalizar caminhos de grande proficuidade na estruturação e no perseguimento de estratégias de rememoração – e subjetivação – criativa.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Aceleração. Tempo. Criação. Espera.

*Turismóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutoranda em Memória Social pelo PPGMS/UNIRIO. Professora Substituta do Curso de Guia de Turismo do CEFET/RJ. E-mail: reneemaia@gmail.com

“Os computadores, dizem, poderão não saber reconhecer a diferença entre o ano 2000 e o ano 1900 – mas nós sabemos?” (HUYSSSEN, 2000, p.24-25)

Profundamente atrelado à aceleração temporal que estaria comprimindo gradativamente o presente, o desenvolvimento de uma cultura da memória marca o cenário contemporâneo, evidenciando novas formas de relacionamento entre homem, tempo, espaço, cultura e tecnologia. Conforme aponta Huyssen (2000, p.9), “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais”.

Como descreve este mesmo autor, em uma progressiva transformação de consciências temporais, o futuro teria perdido sua centralidade emblemática assumida na alta modernidade, trocando de lugar com o passado no palco das experiências e sensibilidades do tempo na contemporaneidade. Assim, uma lógica temporal orientada para o perseguimento de um amanhã de redenção através do progresso e do crescimento teria sido substituída no final do século XX por preocupações direcionadas para uma responsabilização pelo passado.

Neste sentido, o surgimento destas transformações teria representado um expressivo reflexo de eventos como a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Contudo, como bem argumenta este mesmo autor, este boom memorial não estaria restrito a questões traumáticas de caráter global ou local, mas representaria uma característica fundamental de comportamentos e funcionamentos contemporâneos. Dentre algumas de suas principais manifestações, poderiam ser destacadas: ondas de consumo de produtos retrô e vintage¹, crescentes discussões sobre o trauma e até mesmo uma fascinação mundial com o naufrágio do transatlântico Titanic – possível “metáfora de memórias de uma modernidade que deu errado ou se ele articula as próprias ansiedades da metrópole sobre o futuro deslocado para o passado.” (HUYSSSEN, 2000, p.15)

Adicionada a estas ocorrências, uma marcha musealizante de tudo e todos infiltrar-se-ia amplamente na vida cotidiana, cristalizando uma espécie de demanda por recordação total.

¹ A expressão vintage diz respeito a itens ou objetos de antiguidade, pertencentes a outra época do passado. Já os itens retrô representam artefactos ou práticas atuais que apropriam-se ou apresentam características inspiradas em períodos ou movimentos culturais passados.

Não há dúvida de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total. Trata-se, então, da fantasia de um arquivista maluco? Ou há, talvez, algo mais para ser discutido neste desejo de puxar todos esses vários passados para o presente? Algo que seja, de fato, específico à estruturação da memória e da temporalidade de hoje e que não tenha sido experimentado do mesmo modo nas épocas passadas. (HUYSSSEN, 2000, p.15)

A cultura contemporânea da memória apoiar-se-ia, portanto, no surgimento e na disseminação das novas tecnologias de mídia, apropriadas, por sua vez, como “veículos de rememoração”. Apoiados em uma ampla e crescente disponibilidade de suportes exteriores, estaríamos produzindo uma verdadeira avalanche de registros, a qual implicaria algumas questões problemáticas. Primeiramente, tais documentações cotidianas estariam sendo praticadas mediante o mínimo processamento dos estímulos inicialmente percebidos e retidos; estaríamos registrando “experiências” sem (ou ao menos antes de) experimentá-las.

Além disso, a crescente externalização da memória em suportes supraindividuais evidenciaria conflitos e temores quanto às possibilidades e os perigos do esquecimento. Por um lado, os suportes materiais de memória – que tanto expandem as capacidades humanas de armazenamento e registro – são passíveis de deteriorações, apagamentos e danos irreversíveis, colocando, seus conteúdos sob risco de permanente amnésia. Em contrapartida, as rápidas ampliações e disseminações destas ferramentas de suporte material da memória contribuem não somente para uma ampla musealização cotidiana, mas também para que sejam nelas depositadas uma “responsabilidade de lembrar” que já não é mais “cobrada” – e nem poderia ser, em tal volume – da mente humana. (Le Goff, 1996).

Esta “fantasia de um arquivista maluco” em busca de uma “recordação total” refletiria, então, um “intenso pânico público frente ao esquecimento” (HUYSSSEN, 2000, p.19), revelando um intrigante relacionamento entre memória e esquecimento. Afinal, seria o medo do esquecimento o estopim para o desenvolvimento de uma obsessão social pela lembrança, ou seria este processo justamente o inverso? Antes de esboçar hipóteses para interpretação desta obsessão contemporânea, vale salientar que perspectivas temerosas como estas estariam fundamentadas em um suposto posicionamento antagônico das noções destes dois elementos; o esquecimento assumiria, então, o papel de grande vilão a ser combatido em uma era marcada pela necessidade – e pela demanda – de “lembranças totais”.

Ao invés disso, rejeitando tal radicalização, Huyssen (2000) apoia-se em perspectivas freudianas ao enfatizar a necessidade de reconhecimento de uma relação de interdependência entre memória e esquecimento. Afinal, enquanto as funções rememorativas implicariam inerentemente alguma forma de esquecimento – e desde Halbwachs (1990) já temos ciência de um trabalho de seleção realizado por esta faculdade – o próprio esquecimento, por sua vez, poderia significar apenas outra forma de lembrar – como no caso do conteúdo recalado em psicanálise. Logo, “[...] o que Freud descreveu como os processos psíquicos da recordação, recalque e esquecimento em um indivíduo vale também para as sociedades de consumo contemporâneas [...]” (HUYSSSEN, 2000, p.18).

Além disso, tal autor também argumenta que quanto maior a compressão do presente pela aceleração “consumista” do tempo, menor seria o grau de coesão e de estabilidade por ele proporcionados às identidades e aos assuntos contemporâneos. Em vista disso, estratégias públicas e privadas de rememoração estariam sendo instrumentalizadas para fins de ancoragem “em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo faturamento do espaço vivido”. (HUYSSSEN, 2000, p.20). Deste modo:

mesmo onde as práticas de memória cultural não tem um foco explicitamente político, elas expressam o fato de que a sociedade precisa de ancoragem temporal, numa época em que, no despertar da revolução da informação e numa sempre crescente compressão do espaço-tempo, a relação entre passado, presente e futuro está sendo transformada para além do reconhecimento. (ibid., p.36)

Esta busca por estabilidade em torno de identificações e memórias refletiria, assim, uma demanda social por desaceleração, oriunda de um sentimento generalizado de mal estar que condiz com um fenômeno de compressão de possibilidades de espera ou hesitação. Como bem descreve Huyssen (2000, p. 32):

Nosso mal-estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentimentos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto.

Contudo, em concordância com este autor, entende-se que tais estratégias de abundante produção de registros representariam tentativas de compensação, influenciadas por um sentimento de perda das tradições vividas e dos meios de memória, implicando, portanto, na alimentação de nostalgias muitas vezes idealizadas. Assim, saudosismos de um outro tempo supostamente mais feliz estariam sendo nutridas em virtude de uma atualidade supostamente deteriorada – negando, inclusive, a possibilidade de meditação acerca desta atualidade. A idealização memorial passaria a fornecer, assim, “migalhas de segurança” quando as velocidades e intensidades contemporâneas deixam indivíduos perdidos na liquidez de seu dinamismo e multiplicidade.

Em contraste com perspectivas compensatórias como estas, Huyssen (2000) sustenta que o cerne destes argumentos deveria ser deslocado do problema da perda para o das transformações. Neste sentido, far-se-ia necessário o reconhecimento de que uma busca por estabilidade através da produção de um imenso volume memorial traria apenas uma ilusão de segurança. “A própria musealização é sugada neste cada vez mais veloz redemoinho de imagens, espetáculos e eventos e, portanto, está sempre em perigo de perder a sua capacidade de garantir a estabilidade cultural ao longo do tempo.” (HUYSSSEN, 2000, p.30).

Mas, então, como seria possível alcançar alguma possibilidade de alívio – não só momentâneo, mas revolucionário - diante de uma dinâmica temporal tão avassaladora? Assim como Huyssen (ibid.), entende-se que a estrada para uma melhor relação com o tempo e com a memória não deve estar fundamentada no cultivo nostálgico de uma espécie de era de ouro. Ao invés disso, deveríamos estar orientados para a construção de estratégias capazes de reestabelecer algum sentimento de continuidade – e não necessariamente de estabilidade ou mesmo coerência - dentro desta avassaladora temporalidade contemporânea. Em suma, precisamos criar estratégias de descompressão de nossas possibilidades de espera capazes de recondicionar a relação estabelecida entre memória e criação.

Rememoração produtiva ou criativa: pensando a memória para além de produtivismos

“Os robôs já existem, é preciso reinventar os humanos.”
Eliane Brum – “A delicadeza dos dias”

Ora, se é inegável a presença de uma cultura de memória conforme descrito por Huyssen (ibid.) como marca do cenário contemporâneo, os caminhos por ele propostos para uma reconfiguração da relação homem-tempo-memória já não são tão irrefutáveis.

Preocupando-se com um esgotamento de “passados” em virtude do impressionante volume de memórias produzido por sociedades marcadas por medo e insegurança, tal autor sugere que estabeleçamos uma distinção entre passados “usáveis” e “descartáveis”, concluindo que precisaríamos almejar não um esquecimento produtivo – como em Nietzsche (2009), mas sim uma rememoração produtiva.

Claramente, a febre de memória das sociedades midiaticizadas ocidentais não é uma febre de consumo histórico no sentido dado em Nietzsche, a qual podia ser curada com o esquecimento produtivo. É mais uma febre mnemônica provocada pelo cibervírus da amnésia que, de tempos em tempos, ameaça consumir a própria memória. Portanto, agora nós precisamos mais de uma rememoração produtiva do que de esquecimento produtivo (HUYSSSEN, 2000, p.35).

Nesta perspectiva, Huyssen (ibid.) apresenta uma abordagem utilitarista da memória e do tempo a qual pode ser considerada como, no mínimo, questionável. Se acerta na relativização das condições de espetacularização e mercadorização da memória, reconhecendo a existência de múltiplas possibilidades de rememoração e representação do real, peca em não expandir tal tratamento às suas propostas tanto de conduta presente quanto de ação para o futuro. Além disso, oferece uma enunciação superficializada, deixando de aprofundar a explicação do que consistiria esta noção de “rememoração produtiva” e de como ela poderia ser alcançada.

Assim sendo, alguns pontos podem ser enumerados como mais problemáticos em suas recomendações. Em primeiro lugar, Huyssen (ibid.) falha em não problematizar esse caráter de “serventia” do passado, desprezando inúmeros questionamentos fundamentais que, quando elencados, já expõem o equívoco desta concepção. Afinal: passados “usáveis” para quem? Quem seriam os detentores de um poder de determinação do caráter de utilidade atribuído a um ou mais passados? Como esse caráter seria determinado, ou mesmo, em referência a que parâmetros? E mais, ainda que fosse aceita tal abordagem utilitarista da memória, seria ela efetivamente produtiva?

Nesta direção, faz-se necessário o reconhecimento de que a constituição de uma espécie de produtivismo temporal representa justamente uma das marcas destes processos cerceadores que estariam comprometendo nossa experiência subjetiva do

tempo, restringindo tanto nossas possibilidades de meditação, quanto o potencial de nossas funções rememorativas. Isso porque, estando diretamente relacionadas à lógica capitalista-consumista da velocidade, a aceleração temporal e a compressão do presente promoveriam obsolências cada vez mais apressadas, provocando um mal estar generalizado; vemos-nos, assim, diante de um mar de pessoas comprimidas.

Outrossim, além de apresentar furos já em sua constituição problematizante, tal proposta pragmática se quer se faz potencialmente eficaz, uma vez que, mantendo o status quo produtivista da aceleração, alimentaria a lógica da celeridade que comprime nossa hesitação. Acabaria, por fim, por colaborar com a promoção dos vastos sintomas sociais já observáveis no cenário atual, os quais abrangem desde a proliferação de casos de depressão, até a própria obsessão pela memória – ambos reflexos de uma relação insalubre entre homem e tempo.

De maneira complexa e paradoxal, as memórias produzidas - características desta obsessão pelo registro descrita por Huyssen (ibid.) - parecem ser justamente resultantes desta veloz e intensa contemporaneidade, onde pairam altos níveis de insegurança e um duplo medo – tanto do esquecimento, quanto do futuro. Elas refletem, portanto, o amplo mal estar gerado por uma impossibilidade de meditação que nos impele a conclusões inconsequentes e precipitadas, deixando-nos vulneráveis diante de uma multidão de instantes intermitentes que não se constitui em um sentimento de continuidade. Assim, mesmo com um preenchimento cada vez mais absoluto do tempo (por conta do imperativo de um produtivismo temporal que atesta “tempo é dinheiro!”), ainda sentimos que não vivemos; estamos vivos, mas impossibilitados – ou, ao menos, cerceados em nossas chances – de viver o tempo do vivido.

Logo, se a memória que produzimos é essa de um acúmulo temeroso e exacerbado que busca, na fantasia de uma recordação total, a conquista de um sentimento de segurança, alívio e continuidade nunca alcançado, qual seria, então, a modalidade de memória comprimida nos dias de hoje? Diante de um cenário de produtivismo e aceleração, parece que as condições rememorativas reprimidas socialmente são justamente aquelas capazes de constituir um senso de continuidade entre passado, presente e futuro; em suma, capazes de atualizar virtualidades (Bergson, 1990).

Conforme observado por Oliveira (2013), a disseminação do medo do esquecimento e a consequente multiplicação da memória observáveis na atualidade

precipitariam um amplo mercado onde perfis, valores e ideais são apresentados – e consumidos – como produtos. “São pequenos e fugazes modelos, consumidos e muitas vezes, jogados fora em prol das novidades da moda.” (ibid., p. 127) Assim, aproveitando-se desta crescente demanda por identificações provedoras de conforto e estabilidade, o mercado empenhar-se-ia rapidamente “na produção de kits de perfis-padrão [...] para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc.” (ROLNIK, 1997, p.19)

Tal produção e consumo de “perfis-padrão” evidencia justamente este condicionamento - automatista e desfavorecedor da criação - da memória à lógica capitalista da velocidade e da novidade. Logo, das limitações e dificuldades de assimilação destes novos modos de subjetivação derivaria uma “sensação de que se está definhando, perdendo valores, essências, ou seja, de que não se está existindo” (ibid.).

É neste sentido que, em consonância com Oliveira (2013), sugere-se que a reconfiguração de nossas experiências subjetivas do tempo deve perpassar a construção e promoção de estratégias de rememoração criativa - e não produtiva, como apontado por Huyssen (2000). Contudo, cabem aqui alguns questionamentos: qual seria, então, a direção a seguir no persegimento desta estratégia? E, ainda, no que ela consistiria, afinal?

Tomando como apoio a filosofia intuicionista bergsoniana, sustenta-se a possibilidade de esboçar caminhos onde uma rememoração produtiva relacionar-se-ia com uma descompressão dos intervalos possíveis entre estímulos (recebidos) e respostas (geradas). Neste sentido, o método de intuição sensível proposto por este autor, poderia assinalar uma direção para este persegimento de uma rememoração criativa, combinando um distanciamento de interesses práticos com a valorização do supostamente inútil - condição esta observável no comportamento de artistas.

[...] devido justamente a essa sua percepção mais desligada, ele [o artista] é muito mais permeável à força da ação das coisas e dos seres sobre si. As oportunidades para criação lhe são mais favoráveis [...] devido justamente à sua própria natureza, a sua percepção mais desimpedida do real (JOHANSON, 2004, p.27).

A intuição consistiria, assim, em uma expansão do sensível capaz de ampliar nossas possibilidades de apreensão do real e de promoção da criação. Aproximando-se de um processo intuitivo-sensível, Baudelaire (2010) também teria convocado o

indivíduo moderno a uma (re)aproximação da sensibilidade. A partir da leitura do conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe, tal poeta reconhece no herói convalescente da narrativa uma reconfiguração de olhar que o aproximaria da natureza da criança.

Ora, a convalescença é como uma volta a infância. O convalescente goza, no mais alto grau, como a criança, da faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que se mostram aparentemente as mais triviais. [...] A criança vê tudo como novidade; ela sempre está inebriada. [...] O homem de gênio tem nervos sólidos; na criança, eles são fracos. Naquele, a razão ganhou um lugar considerável; nesta, a sensibilidade ocupa quase todo o seu ser. (BAUDELAIRE, 2010, p.168-169)

Em sua perspectiva, criança e convalescente compartilhariam, portanto, de uma condição de experimentação diferenciada do real já atrelada anteriormente à figura do artista. Assim, conforme destaca Gagnebin (1997), esta busca incessante pelo “novo” representaria, para Charles Baudelaire, uma convicção fundamental, símbolo da verdadeira arte.

Isto posto, ao invés de cristalizado em uma substância encontrável em coisas novas a serem procuradas, o novo corresponderia a “uma certa qualidade do olhar, própria do artista, do convalescente e da criança, olhar ao mesmo tempo privilegiado e profundamente antinatural, [...] anormal, quase doente.” (GAGNEBIN, *ibid.*, p.145) Ainda segundo esta autora, a razão assumiria um duplo papel: por um lado, o de meio possibilitador da expressão, por outro, o de embarreirador do encontro com o novo. Logo, a poesia de Baudelaire estaria “atravessada pela tensão dessa busca voluntária, organizada, da novidade e da embriaguez [...]” (*ibid.*) situada em algum ponto entre razão e sensibilidade.

Ademais, compreendendo a obra de arte “como aquilo que dura e perdura em oposição ao transitório e ao fugidio” (*ibid.*, p.146), Baudelaire (2010) teria rejeitado um funcionamento artístico mimético, orientado para uma reprodução da natureza. Ao invés disso, defende o desenvolvimento de uma “arte mnemônica” (GAGNEBIN, 1997, p.147), ou seja, de uma criação mediada pela memória e pela imaginação. A intenção e a preocupação expressas nesta concepção não são, portanto, as de retenção de passados, voltadas, por sua vez, para uma evitação de morte – como parece ser o caso da temerosa obsessão por memória na atualidade. Ao contrário, pressupõem justamente uma criação a partir de seu perecimento e, em suma, do reconhecimento de sua própria finitude. “Em outras palavras: o real precisa ter morrido para poder ressucitar na memória, adquirir uma outra vida que o salve do esquecimento [...]” (*ibid.*).

Observa-se, portanto, uma aproximação possível entre as proposições de Bergson (1988, 1999, 2006) e Baudelaire (2010), já que ambos reconhecem na memória um elemento de mediação criativa emancipatório e capaz de reestabelecer um sentido de continuidade, atualizando virtualidades e conectando passado, presente e futuro. Neste sentido, contemplam um grande potencial de contribuição para o complexo e longo caminho que o desenvolvimento de oportunidades de rememoração produtiva demanda.

Assumidas como reflexos - ou sintomas - da brutalidade de nossa relação com o tempo, as memórias produzidas a partir temores e buscas ilusórias por estabilidade perpetuariam - e até alimentariam - um mal estar generalizado permeado por um sentimento de anulação da existência. Desta forma, observa-se que esta obsessão por registros poderia estar servindo a tentativas de afirmação existencial em meio a um contexto onde a legitimação de angústias, anseios e sentimentos parece cada vez mais alvo de uma acirrada disputa.

Penso que há algo no selfie para além da crítica que em geral lhe fazem, a de ser um mero registro do autocentrismo ou do narcisismo dessa época. O mesmo vale para muitos Tweets e posts no Facebook. Há qualquer coisa de pungente no selfie, uma expressão de nosso desespero por tentar provar que existimos, já que não conseguimos nos sentir existindo. Melhor ainda se for um autorregistro com alguém famoso, detentor de um certificado de existência validado pela mídia, que então seria estendido ao seu autor. Nesse sentido, o selfie não me exaspera, mas me emociona. Cada selfie é também a imagem de nossa ausência (BRUM, 2015, s/p.).

Assim sendo, a proposta de uma rememoração produtiva mostra-se não somente incongruente, mas também ineficaz. Uma rememoração criativa faz-se necessária, portanto, enquanto estratégia capaz de auxiliar a descompressão dos intervalos possíveis entre estímulo e resposta, restituindo-nos condições de meditação e criação; enfim, reestabelecendo à memória seu potencial de atualização criativa de virtualidades. Tal modalidade de rememoração relacionar-se-ia, por sua vez, às possibilidades de desenvolvimento de subjetivações criativas, dotadas da potência de emancipação do sujeito em relação às demandas do Outro.

Em outras palavras, rememorar criativamente significaria conceder à duração seu tempo imensurável e indispensável a um momento de meditação que não nos lance em direção a conclusões precipitadas e incoerentes. “Trata-se de recusar a vida ausente da experiência capaz de criar uma memória ativa, original, aberta e que afirme a virtualidade que nos possibilite tornarmo-nos outros” (OLIVEIRA, 2013, p.130-131).

Referências

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. Belo Horizonte, Autêntica, 2010, 152 pp.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

_____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. Ensaio sobre os dados imediatos da consciência. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Duração e Simultaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRUM, Eliane. A delicadeza dos dias. *Jornal El País*, 05/01/2015. Seção Opinião.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Benjamin, Baudelaire e o moderno. In: *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão. São Paulo: Boitempo, 2009.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

Rememoração produtiva ou criativa?: reflexões sobre as interfaces entre memória, criação e aceleração temporal

OLIVEIRA, Bruno Costa de. O futuro do pretérito: a experiência da memória como criação. Dissertação (mestrado). UNIRIO. Rio de Janeiro, 2013.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização, in Cultura e subjetividade: saberes nômades, org. Daniel Lins. Papyrus, Campinas 1997.

**PRODUTIVE OU CREATIVE MEMORY: REFLECTIONS ON THE
INTERFACE BETWEEN MEMORY, CREATION AND ACCELERATION**

ABSTRACT:

Marked by conditions such as individualism, consumerism and acceleration, the contemporary scene represented by the Western societies demonstrates a paradoxical condition when it comes to the relationship between time and memory. In order to reflect on the interfaces between memory and creation in a context of overwhelming temporal acceleration, this study was conducted in two interrelated moments. At first, we tried to outline a contemporary culture of memory, dialoguing directly with the observations of Andreas Huyssen. In the second, we questioned his proposal on the need for productive memory strategies. Finally, it was observed that both the intuitionist philosophy of Henri Bergson as the Baudelaires ideas about the possibilities of interaction between creation and speed can signal great usefulness paths in structuring and pursuing of creative recall and subjetivation strategies.

KEYWORDS: Memory. Acceleration. Time. Creation. Wait.

**SOUVENIRS PRODUCTIVES OU INVENTIVES?: RÉFLEXIONS SUR
L'INTERFACE ENTRE MÉMOIRE, CRÉATION ET ACCÉLÉRATION DU
TEMPS**

RÉSUMÉ:

Marquée par des conditions telles que l'individualisme, le consumérisme et l'accélération, la scène contemporaine représentée par les sociétés occidentales démontrerait une condition paradoxale quand il vient à la relation entre le temps et la mémoire. Afin de réfléchir sur les interfaces entre la mémoire et de la création dans un contexte d'accélération temporelle écrasante, cette étude a été menée en deux moments interdépendants. Au début, nous avons essayé de décrire une culture contemporaine de la mémoire, de dialoguer directement avec les observations de Andreas Huyssen. Dans la seconde, si on les interrogeait sa proposition sur la nécessité de stratégies de recollection productives. Enfin, il a été observé que les deux la philosophie intuitionniste d'Henri Bergson que les pensées de Baudelaire sur les possibilités d'interaction entre la création et la vitesse peut signaler grands chemins de l'utilité dans la structuration et recherche des stratégies de rappel - et de la subjectivité - creative.

MOTS-CLÉS: Mémoire. Accélération. Le temps. La creation. Attente.

Recebido em: 20-08-2015

Aprovado em: 30-10-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista